

INDÚSTRIA CULTURAL E EMANCIPAÇÃO: DA INSTRUMENTALIZAÇÃO PARA A HUMANIZAÇÃO

Matheus Aurélio Bernardi*

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo, expor a concepção de educação para Adorno; a qual se contrapõe à concepção de educação vigente em sua época e, que até hoje está muito presente na sociedade. Adorno propõe um modelo de educação em que a emancipação, isto é, a humanização do sujeito seja prioridade. Tal posição vai ao encontro e, se contrapõe à concepção atuante, a qual proporcionar o alienamento da humanidade. A sociedade, da qual Adorno faz parte é caracterizada pela indústria cultural, a qual aprisiona os sujeitos, os aliena. Segundo Adorno este aprisionamento do homem aos meios midiáticos e à sociedade capitalista foi o que proporcionou a barbárie em Auschwitz (nazismo). Daí o porquê da obra de Adorno sobre educação e emancipação; uma resposta à situação presente.

Palavras-chave: Educação. Emancipação. Humanização. Alienação.

Introdução

Theodor Adorno (1903-1969)¹, em sua proposta educacional se opõe aos meios de comunicação de massa e às organizações e instituições formadoras de opinião. Percebe que a educação de sua época não tem por característica necessária o fator de emancipação; e por isso vê a necessidade de uma crítica permanente.

Ele nos adverte contra os efeitos negativos de um processo educacional pautado meramente numa estratégia de “esclarecimento” da consciência. A educação se concretiza como apropriação de conhecimentos técnicos.

Adorno propõe o pensar a educação e a sociedade em seu devir. Como possibilidade de fixar alternativas históricas, tendo como base a emancipação de todos no sentido de se

* Acadêmico do 1º semestre do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina (FAPAS). E-mail: matheusbernadi62@gmail.com

¹ Theodor Adorno, filósofo alemão e teórico da estética, um dos principais filósofos da primeira geração da escola de Frankfurt de teoria crítica. Juntamente com Horkheimer, Adorno imprimiu uma orientação filosófica à Escola de Frankfurt e nos seus projetos de pesquisa no seu Instituto para Pesquisa Social. Adorno foi o primeiro a focar a teoria da cultura e da arte, trabalhando para desenvolver uma teoria da arte e da música. (CAMBRIDGE, 2006, p. 10)

tornarem sujeitos refletidos da história, aptos a interromper a barbárie (impulso de destruição, natural ao ser humano), e realizar o conteúdo positivo, emancipatório do movimento de ilustração da razão.

É preciso dedicação e abertura total frente ao objeto (dialética negativa), frente à coisa; para tornar-se experiente e, por isso, autônomo. A perturbação para que se possa romper o que constitui o objeto de elaboração e os sujeitos vivos, é elemento importante e central.

Adorno compreende que a organização da cultura é manipuladora dos sentidos dos objetos culturais, subordinando-os aos sentidos econômicos e políticos. Os bens da indústria cultural, é como ele define a manipulação da cultura, produzem satisfação de interesses objetivos.

1 Cultura e esclarecimento

A indústria cultural reflete a irracionalidade objetiva da sociedade capitalista tardia, como racionalidade da manipulação das massas. Ela corresponde à continuidade histórica de condições sociais objetivas que formam a antecâmara de Auschwitz.

A característica da indústria cultural é a cultura totalmente convertida em mercadoria, no plano da totalização da estrutura da mercadoria na formação social, inclusive no plano das próprias necessidades sensíveis a que correspondem os valores de uso dos bens na sociedade de consumo.

Adorno entende que, o esclarecimento como consciência de si, como autoconscientização, já vimos anteriormente, é condicionado culturalmente e, nos termos da indústria cultura, limita-se a uma “semi-formação”, a uma falsa experiência restrita ao caráter afirmativo, ao que resulta da satisfação provocada pelo consumo dos bens culturais.

Pelo fenômeno da indústria cultural, a dominação no plano da subjetividade, seria condicionada à estrutura social. Na qual se buscaria a repressão do diferenciado em prol da uniformização da sociedade administrada, e à repressão do processo em prol do resultado, falsamente independente, isolado.

A proposta do modelo da experiência formativa de Adorno é a dialética do trabalho social. Buscar o rompimento com a educação enquanto apropriação de instrumental técnico. Deve-se insistir no aprendizado aberto à elaboração da história e ao contato com o não idêntico, o diferenciado. O qual se dá com os elementos da memória, tempo e lembrança; tais elementos são liquidados pela sociedade burguesa.

A democracia, dentro da cultura de dominação, é avaliada conforme o sucesso ou insucesso e não leva em conta a unidade de interesses. A qual é expressão de emancipação do povo (que não a compreende).

A ideologia dominante é a de as pessoas se submeterem a contextos objetivos em relação aos quais, são impotentes, ou acreditam ser. Inversão de valores, passagem de tudo depender das pessoas, para tudo depender das condições objetivas. As condições existentes permanecem intocadas. A estranheza do povo em relação à democracia se reflete a alienação da sociedade em relação a si mesma.

2 O entendimento das ideologias: o nacionalismo

Adorno entende que o nacionalismo é um delírio, é um substituto do sonho de uma humanidade que torna o mundo humano. Ele propõe a elaboração do passado, o qual foi esquecido (nazismo), deve ser recordado para que não volte a se repetir. Esta elaboração não pode ser produzida meramente a partir de disposições subjetivas.

A ordem econômica continua obrigando a maioria das pessoas a depender de situações dadas em relação às quais são impotentes, bem como a se manter numa situação de não emancipação.

Segundo Adorno, dentro da dinâmica da indústria cultural, as pessoas só conseguirão viver se se adaptarem às situações existentes e precisará abrir mão da subjetividade autônoma a que remete a ideia de democracia. Conseguirão sobreviver apenas na medida em que abdicarem seu próprio eu.

Para que sejam desvendadas as teias do deslumbramento, é necessário um doloroso esforço de conhecimento que se travará pela própria situação da vida, com destaque para a indústria cultural inchada como totalidade.

A adaptação, identificação com o existente, com o dado, com o poder enquanto tal; gera o potencial totalitário, o qual é reforçado pela insatisfação e pelo ódio, produzidos e reproduzidos pela própria imposição à adaptação.

A concepção de Adorno é que tudo dependerá do modo pelo qual o passado será referido no presente (reelaboração), se permanecemos no simples remorso ou se resistimos ao horror (nazismo). Proposta de uma oposição subjetiva ao potencial objetivo fatal (barbárie).

3 Processo de fundamentação da indústria cultural

A indústria cultural é alimentada pelos projetos capitalistas de alienação da juventude que tem sido amplamente atingida com a produção da indústria cultural massificam-te da produção jovem (ensino politécnico).

[...] Pode-se perceber que a cultura anda na direção do capital podendo ser caracterizada como um estado de embriaguez e overdose de alienação que penetra nas veias dos trabalhadores e sem dúvida dando mais prejuízo na formação da juventude que deveria estar sendo formada para uma emancipação humana [...]. (Oliveira, p.2, 2011).

Ela, a indústria cultural, é um mecanismo de controle e submissão da juventude na sociedade capitalista. Estabelece as relações de produção no meio industrial, que visa realizar a produção em grande escala para gerar necessidade de consumo.

A arte segue a mesma dinâmica, sendo introduzida na lógica de mercado. Propicia a alienação, não há senso crítico diante das informações. O objetivo do mercado é vender e lucrar, não havendo espaço para questionamentos.

A indústria cultural (mídia), dita modelos de identidade e pensamento coletivo, administra as formas de racionalização do homem. Cria necessidades ao consumidor e instaura a dominação cultural e ideológica. A relação social se torna uma relação de coisas, que assume o lugar do sujeito histórico. Ao referir-se aos meios midiáticos (televisão), Adorno diz que estes como meios de entretenimento se tornaram objetos de dominação, na sociedade atual:

Tal diversão é usada para conformar os sujeitos e não para levá-lo a uma busca de superação dos modelos culturais dominantes, esta realidade contraditória que deveria provocar indignação resulta em conformação dos modelos impostos pelos meios midiáticos de comunicação (Oliveira, 2011, p.3).

O círculo de manipulação, organizado pela indústria cultural, ajustam as necessidades básicas do sujeito, para criar outras necessidades que muitas das vezes não são essenciais para sua vida. É a própria racionalidade da técnica que aliena e domina pelo caráter repressor; isto é, o sujeito deve consumir ou é excluído da sociedade.

Adorno entende que, os meios midiáticos, os quais proporcionam a diversão; tornam as pessoas incapazes de pensar e muito menos de reagir. É usada para conformar os sujeitos e não para leva-los a uma busca de superação dos modelos culturais dominantes.

“A educação deve estar pautada no esclarecimento e humanização do sujeito” (ABBAGNANO, 2014, p. 601), enquanto único ser em condições de instruir-se no caráter, com qualidades de criar e transformar sua própria história de forma autônoma.

A educação e a emancipação, uma não deve estar desvinculada da outra; estas motivam e elucidam a importância da reelaboração do passado para que a consciência do presente não cometa barbárie de outrora (Auschwitz)

[...] um dos problemas vivenciados pela educação apresenta-se nos discursos de apagar da memória os fatos decorridos, sob a alegação de não conservar ódio, sentimentos de culpa pelo passado, estes são, portanto discursos difundidos pelos partidos que participaram do nazismo e por isso buscam desenvolver a propaganda para que estes fatos bárbaros sejam banidos da memória [...] (Oliveira, p.4, 2011).

Para que a reelaboração do passado acontece efetivamente, faz-se necessário conhecê-lo, isto é, encarar a questão em todas as suas dimensões e compreendê-lo em suas resoluções. Tem a função de elaboração teórica para evitar que o passado se repita no presente, ou no futuro.

O processo formativo deve levar em conta as determinações sociais, com trabalho pautado em conteúdos éticos. Pois a base social impõe uma relação contraditória pela exploração do homem pelo próprio homem.

O sujeito é submetido por completo aos interesses do mercado (sobrevivência). A subjetividade é delineada pela necessidade de produção que atende ao negócio capitalista. O homem, orientado pelos princípios coletivos e singulares da subjetividade em sua essência ética, poderia intervir e mudar a direção das bases e suas determinações.

A educação emancipatória, tem por característica, orientar os conteúdos a serem ensinados que oriente para a condução do processo formativo. Sem a educação é impossível realizar o projeto de emancipação.

O processo educacional atual, para Adorno, é caracterizado pela adaptação aos valores dogmáticos e não pela necessidade da superação da barbárie (elemento fundante das práticas educacionais). A educação deve caminhar no sentido da ruptura com as relações estabelecidas.

Vive-se um fenômeno global da superficialidade dos programas e projetos; legislações que desconsideram o processo histórico vivenciado pela sociedade. Neste âmbito, a individualidade não existe, pois ela se dá no conjunto da sociedade.

A educação deve alicerçar-se na orientação racional e não na instintiva (paixões e afecções). Ela tem que ter por meta, a superação da barbárie, a qual se torna decisiva para sobrevivência da humanidade.

Neste sentido, o contexto atual apresenta níveis de complexidade com problemas crescentes que constitui um grande desafio para educação, pois ela tem sido objeto manipulável para atender o capital, dificultando sua ação emancipadora do homem (Oliveira, 2011, p. 3).

Adorno contrasta o modelo de educação vigente (educação autoritária), com a sua proposta educacional (educação emancipatória); sendo que a primeira tem como característica, a reprodução tecnicista; e a segunda, leva em conta, o aspecto produtivo da vida humana.

Ele, Adorno, rejeita uma mentalidade sistemática e a forma de dialética positiva (propõe a dialética negativa). Segundo ele, a ilusão de captar a totalidade do real (dialética positiva de Hegel), deve ser renunciada. Para ele, a dialética positiva é cheia de contradições.

A importância do sujeito deve ser resgatada. Pois o sistema nega o diferente; sendo que isto reflete na lógica da dominação. A dialética negativa vem justamente ao encontro da lógica da dominação para contrastar e estabelecer a consciência da não identidade.

Conclusão

A indústria cultural é o instrumento de manipulação das consciências (conservação). Produz um estado de paralisia mental; esta é a característica da atual sociedade tecnológica. Tudo se torna mercadoria; o cinema, o entretenimento, a publicidade, a arte e a própria educação.

O poder efetivo contra a repetição de Auschwitz, é a conquista da autonomia, autorreflexão e autodeterminação de não participar da barbárie. Evitar Auschwitz implica em resistir ao poder cego de toda espécie de coletivo, brutalidades e violências justificadas por costumes e ritos.

Educação emancipatória, implica em romper com a tradição filosófica que considera o conhecimento como apreensão do objeto pelo sujeito. Para Adorno a barbárie pode ser combatida através dos jogos psicológicos e objetos dos sistemas sociais.

Adorno, com sua proposta educacional emancipatória, é um crítico em relação ao contexto desenvolvimentista, de aprimoramento da técnica em detrimento da formação humana. Ele problematiza um fenômeno social de alta abrangência que é a educação, sob os moldes de sua atuação relegada a uma formação técnica, capitalista e negligenciando a formação humana.

Sua crítica se volta às escolas que servem para a perpetuação da classe. A educação deve proporcionar o processo civilizatório do sujeito; a qual deve garantir a socialização do conhecimento. Pois o caráter não é algo natural, mas é formado culturalmente. A democracia só é possível através da autoanálise e respeito pelo próximo.

Referência

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

ADORNO, Theodor W.. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1995.

CAMBRIDGE. **Dicionário de filosofia**/ dirigido por Robert Audi; (tradução João Paixão Netto; Edwino Aloysius Royer et al). São Paulo: Paulus, 2006.

OLIVEIRA, Sílvia Freire de. SANTOS, Maria oliveira do. **Adorno**: educação, indústria cultural e emancipação. 2011.